

# O neoclássico na arquitetura batista capixaba ao longo da Primeira República

Nelson Pôrto Ribeiro<sup>1</sup>

Submetido em: 15/01/2022

Aceito em: 01/03/2022

Publicado em: 11/07/2022

## Resumo

Durante a Primeira República brasileira a Igreja Católica construiu uma série de grandes templos religiosos em estilo neogótico, obras importantes como a Catedral da Sé em São Paulo, que teve como principal objetivo retomar o protagonismo no campo da fé de uma confissão cristã que foi abalada pela introdução no país de outras confissões cristãs com viés reformista. Mas os protestantes não ficaram para trás, construíram templos nas grandes cidades, muitas vezes também em neogótico como a Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro. Os batistas, em especial, gostavam do neoclássico, onde, no caso de Vitória, no Espírito Santo, tiveram dois belos prédios construídos nesse estilo no início da década de 1930. As opções estilísticas dos batistas estavam imbuídas de propósitos simbólicos e ideológicos, discuti-las é o objetivo principal deste artigo.

**Palavras-chave:** arquitetura; ecletismo; neoclássico; 1ª República

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e estágio sênior (pós-doutoral) na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (2018). É professor colaborador do doutorado em História da UFES e professor colaborador do International Doctoral Programme in Sustainable Built Environment da Universidade do Minho – Portugal. Trabalhou durante 12 anos na área de restauração e conservação do patrimônio edificado enquanto sócio e responsável técnico da empresa Ópera Prima Arquitetura e Restauo Ltda tendo sido consultor, autor de projeto e executor de obra de mais de 60 trabakhos de restauração de importantes prédios históricos do RJ e no ES. Em 2009 recebeu da Secretaria de Cultura do Estado do ES notório saber para consultoria e projetos de pesquisa e restauração em conjuntos históricos tombados pelo patrimônio cultural. É autor/organizador de 11 livros na área do Patrimônio Histórico, História da Cidade e História da Construção.

## **Abstract**

During the Brazilian First Republic the Catholic Church built a series of large religious temples in the gothic revival style, major works such as the Sé Cathedral in São Paulo, which had as their main purpose, to resume the leading role in the field of faith of a Christian confession that was shaken by the introduction into the country of other Christian confessions with a reformist bias. But evangelicals were not far behind, they built temples in large cities, often also in gothic revival such as the Presbyterian Cathedral in Rio de Janeiro. Baptists, in particular, were fond of the classical revival, where, in the case of Vitória, Espírito Santo, they had two beautiful buildings built in this style in the early 1930s. The stylistic options of Baptists were imbued with symbolic and ideological purposes, discussing them is the principal aim of this paper.

**Keywords:** architecture; revival; neoclassical; Brazil 1st Republic.

## **Introdução**

Se grosso modo podemos dizer que enquanto o neoclássico é o estilo do império, o ecletismo seria o da 1ª República. Contudo, entendemos que se pode problematizar este pensar, como o faz Luciano Patetta<sup>2</sup>, observando que o neoclássico seria apenas uma fase inicial de um ecletismo que predominou desde a metade final do século XVIII ao longo de todo o XIX.

Isso pode ser constatado em especial pela presença de uma arquitetura religiosa inspirada no gótico desde a segunda metade do século XVIII. Mesmo um espírito acentuadamente clássico como o de Schinkel, alternava o neoclássico com o neogótico quando se tratava de construir templos religiosos e embora tenhamos tido grandes igrejas neoclássicas, sobretudo em França, naquele momento, a concepção predominante nos arquitetos construtores de templos era de que o gótico expressava melhor

---

<sup>2</sup> PATETTA, Luciano. “Considerações sobre o ecletismo na Europa” In: FABRIS, Annateresa (org). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987.

a espiritualidade da fé e, portanto, era o estilo mais adequado para igrejas cristãs.

O neogótico ao longo de todo o século XIX foi maciçamente usado como estilo arquitetônico para templos cristãos, inclusive no Brasil.

No Brasil do Segundo Império o neogótico teve versões elaboradas a partir da segunda metade do século XIX como é o caso da Igreja do Santuário do Caraça em Minas Gerais (1876-83); da Catedral de São Pedro de Alcântara em Petrópolis (1884-1925); da Catedral de Curitiba (1886); da Igreja da Imaculada Conceição em Botafogo no Rio de Janeiro (1888-1892), e da Igreja Metodista do Catete (1886), na mesma cidade.

A 1ª República deu continuidade a esta tradição, em especial porque neste momento, a igreja católica frente à laicização do Estado assim como da penetração agressiva em território nacional das igrejas reformistas - antes restritas à núcleos interioranos de imigrantes de origem alemã e suíça – resolve reagir, tomando a iniciativa de, nas grandes cidades do país, construir os templos mais imponentes sobre o ponto de vista arquitetônico e artístico.

São obras executadas nos limiares da 1ª Republica, todas em estilo neogótico, entre outras: Catedral de Santos (1909-1924); Catedral da Sé em São Paulo (1913-1954); Catedral da Boa Viagem em Belo Horizonte (1913 - 1924); Catedral de Vitória no Espírito Santo (1918-1970); Catedral de Santa Cruz do Sul no Rio Grande do Sul (1928-1936).

## ***Os batistas no Espírito Santo***

Desde o final do século XIX os batistas se expandem pelo Brasil, tendo implantado em 1882 em Salvador - a partir de Santa Bárbara no interior paulista onde havia um núcleo forte de batistas americanos desde a década anterior – a Primeira Igreja Batista do Brasil<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=24](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24) in 30.11.21.

Observe-se que a essa época a religião oficial do Estado brasileiro era a católica e as religiões de matriz reformada tinham alguma dificuldade, se não legal, já que a constituição do império previa a liberdade de culto, ao menos informal, já que a população, instigada pelos párocos provincianos, tinha muita animosidade com os protestantes em geral.

Desde 1866 temos a presença de protestantes na Província do Espírito Santo. Através de uma política do governo imperial de povoar o interior do país com mão de obra branca e livre, temos povoados de imigrantes europeus provenientes da Alemanha, da Pomerânia e de regiões da Itália, e onde estavam presentes grupos de protestantes como os que fundaram a esta época a Igreja Luterana de Campinho, em Santa Isabel (hoje Domingos Martins). Mas a presença de grupos protestantes na capital – onde a presença católica era acachapante, é tardia, muito provavelmente desestimulada pelas comunidades católicas locais fortemente majoritárias e muitas vezes francamente hostis.

O primeiro batista a vir a Vitória sondar a possibilidade do estabelecimento de uma missão no Estado foi o Sr. Salomão Luis Ginsburg em 1892, que voltando ao convívio dos colegas missionários no Rio de Janeiro recomendou “a abertura do trabalho evangélico em terras capixabas<sup>4</sup>.” O primeiro pastor a se estabelecer foi Francisco José da Silva, baiano, que na década de 1890 veio para Vitória trabalhando como vendedor na prestigiosa Casa Verde de Augusto Cruz e, posteriormente, como auxiliar de engenheiro topógrafo no serviço de agrimensura que o Estado praticava no interior. Suas primeiras pregações se deram, portanto, em Baixo Guandu, Afonso Claudio e Santa Joana: “no final de 1903 estava estabelecido o trabalho batista no Estado do Espírito Santo, com 3 igrejas, 91 membros e 1 pastor<sup>5</sup>.”

O desenvolvimento dos batistas em Vitória foi incrementado enormemente a partir da chegada do missionário norte-americano Loren Reno e sua

---

<sup>4</sup> FARIAS, Pastor Manoel de. **Pelos caminhos anunciai**. Vitória: Convenção Batista do Estado do Espírito Santo, 1991. p.17.

<sup>5</sup> FARIAS. op. cit. p.20.

esposa, em 1904. Junto com a função de evangelizador, Reno foi sobretudo um educador. Ainda de acordo com o Pastor Farias, Reno “tinha o ideal de organizar em cada Igreja Batista do Estado, uma escola anexa filiada ao Colégio Americano Batista de Vitória<sup>6</sup>”.

Três anos depois da chegada do casal norte-americano, no porão na casa dos missionários, foi fundado o Colégio Americano Batista de Vitória, cujo objetivo inicial “era o de facilitar a instrução primária aos filhos das famílias batistas, que eram mal recebidas nas escolas pelo fato de serem protestantes<sup>7</sup>,” mas que se tornou rapidamente uma referência do ensino de qualidade na região. Nas duas décadas seguinte depois de fundado, o Colégio Americano era das mais importantes instituições educacionais de todo o Espírito Santo. O Relatório governamental de 1925 informava: “tem 24 estabelecimentos espalhados pelo Estado e nos quais houve, em 1924, a frequência de 1.282 alunos, nenhuma subvenção necessitou do governo<sup>8</sup>.”

### ***A arquitetura batista e o neoclássico***

Diferentemente de Anglicanos e Presbiterianos que eram vertentes protestantes institucionalizadas - os Batistas, por ser uma seita divergente surgida apenas no século XVII, não apenas não construíram como também não herdaram edifícios góticos de expressão, outrora pertencentes à Igreja católica. Quando tiveram a oportunidade de os construir, já no século XVIII, acabaram se inclinando mais para um *revival* do clássico do que do gótico. A seita era uma dissidência bastante perseguida na Inglaterra, seu local de origem. Precisamente quando migram para as colônias inglesas na América – como outras dissidências reformistas perseguidas pelo Estado – encontram-se em condições mais favoráveis para a ereção de grandes templos com significância artística.

---

<sup>6</sup> FARIAS. op. cit. p.41.

<sup>7</sup> FARIAS. op. cit. p.40.

<sup>8</sup> ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Mensagem apresentada pelo Exmo. Sr. Dr. Florentino Avidos (...) em 4 de maio de 1925.** Vitória: [s/e], [s/d]. p.24.

O prédio da 1ª Igreja Batista na América, em Providence, Rhode Island, de 1775, é uma bela edificação de torre central nitidamente marcada pelo classicismo e inspirada provavelmente no templo neoclássico de St. Martin in-the-Fields, de James Gibbs, construída em Londres entre 1722-26.

Vão ser várias as igrejas batistas de viés neoclássico na América do Norte, sobretudo ao longo do século XIX, mas o neogótico e os estilos medievais não eram interditados no imaginário construtivo desta corrente, veja-se por exemplo o prédio da Primeira Igreja Batista de Norfolk, Virgínia, de 1906, de autoria de Reuben Hunt – de quem falaremos mais abaixo – e em estilo francamente neomedieval ou o prédio da Riverside Baptist Church em Jacksonville, Florida, edificação em estilo neo-românico de 1926 de autoria do arquiteto Addison Mizner e incluída na National Register of Historic Places (NRHP).

O artigo '*Templos evangélicos no Brasil*'<sup>9</sup> de autoria do Reverendo Aretino Pereira de Matos fornece um balanço da arquitetura evangélica na década de 50 mencionando e ilustrando as principais edificações construídas: dos 26 templos ilustrados a metade é de edificações de características claramente neogóticas; 04 eu chamaria de neomedievais (apresentando características românicas); 04 apresentam características indistintas; 03 são art-decô com características góticas estilizadas; e apenas duas com características neoclássicas – a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e a Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba.

Também no Brasil tivemos alguns projetos de templos batistas que incorporavam elementos da arquitetura neogótica, tais como: arcos ogivais, pináculos, rosáceas com vitrais, nervuras nas estruturas de arcos e pilares etc. Entre estes templos, podemos citar a Primeira Igreja Batista de Pádua em Santo Antônio de Pádua no Estado do Rio construída entre 1918 e 1922 e o prédio atual da Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, de 1941, que embora em estilo art-decô, apresenta características neogóticas estilizadas, tais como arcos ogivais e rosáceas.

---

<sup>9</sup> **Almanaque Eu Sei Tudo**. Rio de Janeiro. 1957. p.253-258.

Nos parece que uma grande referência para a arquitetura batista do período vai ser a construção em 1928 de um novo templo para a Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro que foi fundada em 1884 e por “situar-se na capital do Império, e logo, da República” vai acabar se constituindo em “uma espécie de base para o alcance do interior do estado do Rio de Janeiro e de toda a região Sudeste. Por sua ação direta são fundadas a Primeira Igreja Batista de Campos, em 1891, e a Primeira Igreja Batista de Niterói, em 1892<sup>10</sup>.” O texto esqueceu-se de complementar mencionando a Primeira Igreja Batista de Vitória, fundada em 1903, a qual também esteve relacionada à ação dos missionários do Rio.

Este templo do Rio, em estilo neoclássico, tem projeto de autoria de Reuben Harrison Hunt (1862-1938)<sup>11</sup>, importante arquiteto norte-americano que projetou inúmeras edificações institucionais e particulares ao longo de sua vida profissional – muitas dessas construções, hoje, inscritas na NRHP.

Reuben é uma figura ainda relativamente pouco estudada no âmbito da arquitetura religiosa das duas últimas décadas do século XIX e três primeiras do século seguinte, não apenas do seu próprio país, mas especialmente no caso de países que sofreram a atuação de missões evangélicas norte-americanas como é o caso do Brasil.

Segundo a *Tennessee Encyclopedia*:

A 1907 advertisement in the Chattanooga Star documented a portfolio of 131 finished projects thirty years before Hunt’s death at age seventy-five. The list included 60 churches, 28 schools, 22 business houses, 11 courthouses, 5 hotels, and 5 city buildings. For the remainder of his career, church designs dominated the

---

<sup>10</sup> <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/primeira-igreja-batista-do-rio-de-janeiro> em 02.12.21

<sup>11</sup> Idem.

work of the firm. For churches of modest resources, the design was often provided free of charge<sup>12</sup>.

Ainda de acordo com a mesma fonte, Hunt teria participado da elaboração do livro *Planning Modern Church Buildings* (1928) de autoria de Mouzon William Brabham, que se inscreve na tradição americana dos manuais de modelos.

At least seventeen designs by the Hunt office illustrated Brabham's work, which was a resource and guide for congregations contemplating a new church building. Additionally, Hunt's firm produced in-house and distributed its own pattern book of church designs<sup>13</sup>.

Para Hunt, o estilo que melhor expressava a espiritualidade da fé cristã era o neogótico ou o neomedieval – este último, mesclando características do românico religioso com características de fortificações medievais e chamado na literatura técnica inglesa de *romanesque revival*. Foram nestes estilos a maior parte dos templos projetados por ele, em geral, reservava o neoclássico para edificações institucionais tal como cortes locais de justiça e bibliotecas, mas ele também projetou templos no estilo neoclássico, mormente quando estava projetando para as igrejas batistas.

Também é possível identificar duas tipologias distintas para os templos neoclássicos que Hunt projetava: sempre um prisma retangular - com poucas exceções esteve presente a rotunda coroada por cúpula - com um pórtico (*pronaos*) com colunata situado a meio da fachada principal, coroado por um frontão triangular; sendo um dos partidos agraciado com uma torre central e o outro despojado de torres. Ilustrando o primeiro tipo temos a Primeira Igreja Batista de Menfis, no Tennessee, e do segundo, a Primeira Igreja Batista de Durham, Norte Carolina.

É possível que os batistas tivessem preferência pelo neoclássico também pelo fato de que enquanto o neogótico com a sua estrutura pesada e

---

<sup>12</sup> <https://tennesseencyclopedia.net/entries/reuben-harrison-hunt/>

<sup>13</sup> Idem.



impositiva expressava o clericalismo de uma igreja hierárquica e opressora como a do medievo, o neoclássico, com a sua inspiração na Antiguidade grega, estava mais adequado a uma participação democrática de uma comunidade baseada no congregacionalismo. Os batistas com certeza tinham uma mentalidade mais iluminista com as suas concepções de estado laico e de uma igreja independente e não hierarquizada.

A igreja do Rio foi construída tendo como padrão a segunda tipologia [Fig. 1] – o templo neoclássico sem torres que se aproxima bastante das edificações de caráter laico do mesmo autor.



Fig. 1

**Anônimo**

*Prédio da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro. Gravura, 1939.*

Anuário Estatístico da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro. Ano XXIII. Maio de 1939. Capa.

Com exceção do templo no Rio de Janeiro, não sabemos propriamente da influência direta de Hunt na arquitetura batista brasileira, mas a tipologia de templo com torre central – não esqueçamos que é também a tipologia do templo batista inaugural em Providence - foi adotada em outras igrejas batistas no país, em especial no Nordeste, tais como a Igreja Batista da Capunga no Recife (1953-67) e a Primeira Igreja Batista de João Pessoa (1954-56).

## ***A arquitetura batista em Vitória***

Já vimos como a atuação batista em Vitória cresceu a partir da chegada de Loren Reno. Através de uma atuação evangelizadora associada a uma atividade educacional de qualidade, Reno foi se solidificando na sociedade capixaba da 1ª República como uma importante figura pública.

Quando chegou em Vitória em 1904 a única edificação batista que havia na cidade – na verdade em Argolas - era uma “casa de sapê com piso de terra e paredes de barro. (...) Apenas uma igreja e nada mais<sup>14</sup>.” Não havia sequer a Escola dominical.

A medida em que o educandário crescia, assim como o número de fiéis da Igreja, Reno sentiu necessidade de novas instalações físicas para ambas instituições. Em 1906 a Missão Batista estava instalada na Rua do Comercio nº 70<sup>15</sup>. No ano seguinte foi fundado o Colégio Americano de Vitória “num porão da residência do casal de missionários<sup>16</sup>.”

Pouco depois Reno teve a possibilidade de comprar numa região nova da cidade – recém ganha através do aterro do mangal do Campinho – um terreno na Rua General Osório que pertencia a um inglês, neste local construiu o primeiro templo destinado especificamente à igreja batista; era chamado de Templo da Torrinha e segundo Farias foi construído de 1912 a 1914 com a participação nos trabalhos de toda a comunidade, dirigida por Reno, que tinha formação de pedreiro e marceneiro obtida na América<sup>17</sup>. O Templo da Torrinha da qual temos uma imagem pouco nítida<sup>18</sup>, mas pela qual é possível constatar que ele possuía uma torre com ameias e um porticado, em arco pleno, na entrada.

---

<sup>14</sup> RENO, Loren M. & RENO, Alice W. **Recordações: vinte e cinco anos em Vitória, Brasil**. Vitória: Convenção Batista do Estado do Espírito Santo, 2007 (edição original, 1930). p.36.

<sup>15</sup> **Jornal Oficial**. Vitória. 14.11.1906. p.3.

<sup>16</sup> FARIAS. op. cit. p.40.

<sup>17</sup> RENO. op. cit. p.40.

<sup>18</sup> In: RENO. op. cit. p.41.

Quanto ao Colégio, em 1918, ainda de acordo com Farias, teria sido transferido “para a Av. Schmidt, numa bonita casa a beira-mar, no centro da cidade ao lado da residência do casal Reno<sup>19</sup>.” Nas palavras do próprio Reno: “Pouco a pouco a escola aumentou, saindo do estágio ‘porão’ e indo para o prédio da igreja (...) depois para uma propriedade alugada, e agora para o Campus Batista<sup>20</sup>.”

O Campus ou Chácara Batista, como era denominado a época, era uma extensão de terra na mesma região onde estava o Templo da Torrinha, adquirida primeiro de particulares e acrescida com um lote devoluto. A localização foi cuidadosamente escolhida por Reno:

A posição é ideal. Ela tem vista para a cidade e o parque, fica a cinco minutos a pé do centro, a cinco minutos de distância da igreja (batista) e a três minutos dos Correios. O bonde passa perto (...). Este amigo do Governador nos vendeu quatro ações ou partes [do terreno] (...). Entretanto, descobrimos que esse campus podia nos apertar no futuro, então procuramos maneira de expandir. Imagine nosso espanto, ao encontrar, ao lado da propriedade, uma faixa de terra pública ainda não distribuída (...). Nós a solicitamos e obtivemos, dada de graça pelo Governador do Estado. Entretanto, como desejávamos a independência entre Igreja e Estado, insistimos em pagar por ela. O Governo fixou o preço: US\$ 1.500, por onze mil metros quadrados. Nós pegamos o dinheiro emprestado e pagamos<sup>21</sup>.

A posição era ideal também, que por ser numa parte nova da cidade, Reno instalava-se num território laico, diferentemente da cidade alta dominada por Roma, como Reno apelidava a igreja católica.

As primeiras construções edificadas na Chácara Batista foram no mesmo esquema da edificação do Templo da Torrinha; contratação de

---

<sup>19</sup> FARIAS. op. cit. p.40.

<sup>20</sup> RENO. op. cit. p.86.

<sup>21</sup> RENO. op. cit. p.89.

profissionais ajudantes e pedreiros e ajuda voluntária de fiéis, capitaneados por Reno.

Eu ficava na construção toda manhã, cedo o bastante para explicar o trabalho de cada homem, individualmente, antes de começar (...). Tínhamos 50 homens trabalhando em cinco prédios diferentes (...). Eu incentivava as equipes de operários passo a passo, desde quebrar pedras e carrega-las. Eu mesmo carreguei cimento e ajudei o pedreiro. Não tenho ideia de quantos homens aprenderam uma profissão sob minhas ordens, naqueles nove meses (...). Nós nos mudamos para lá sem nenhuma janela ou porta (...) mas a Escola abriu a tempo<sup>22</sup>.

Esta fase já estava concluída quando o livro de Reno usado por nós como fonte, veio à luz em 1930. Uma edição de periódico coevo confirma que o endereço do Colégio Americano nessa data, era a Rua do Norte<sup>23</sup>, a mesma que posteriormente passou a ser designada como Washington Pessoa.

Mas Reno parece eternamente insatisfeito pois no início da década de 30 estava em tratativas para a construção de mais duas edificações para a Missão Batista: um prédio principal para o Colégio, na Chácara Batista, e um novo Templo na rua General Osório, para substituir o Templo da Torrinha agora que as casas vizinhas ao mesmo foram adquiridas permitindo a construção de uma edificação maior e mais imponente, a ser localizada na esquina desta rua com a Av. Cleto Nunes.

São essas as duas grandes edificações neoclássicas religiosas da Vitória da 1ª República.

Não sabemos exatamente a cronologia da construção dos prédios. Um jornal da época, informa no final do ano de 1931:

---

<sup>22</sup> RENO. op. cit. p.96.

<sup>23</sup> **Diário da Manhã**. Vitória. 27.09.1932. p.2.

O estabelecimento de educação mantido neste Estado pela Igreja Batista cogita de fazer construir em frente a chácara Batista o novo edifício do Colégio. O conhecido construtor sr. Carlos Schroth tem em mãos o esboço do prédio cuja construção deverá ter início ainda este mês, compreendendo seções para a administração da Escola, trabalho de enfermeiras, salão nobre e para sala de aulas. O prédio, que obedecerá às prescrições estabelecidas pela higiene pedagógica, tem suas obras orçadas em 150 contos<sup>24</sup>.

Ora, a construção que é iniciada no início do ano seguinte é a construção do novo templo “no ângulo formado pela rua Gal. Osório e Av. Cleto Nunes<sup>25</sup>” e que foi inaugurada em 09 de outubro do mesmo ano<sup>26</sup>. Schroth é inquestionavelmente o responsável por esta edificação, pois existe fotografia histórica do templo em construção, com placa de obra, e onde é possível se ler: “1ª Igreja Batista. Projeto e construção. Carlos Schroth. Engenheiro construtor. Vitoria E. E. Santo. Telf 160. ”

Aparentemente os dois edifícios estiveram sobre a responsabilidade de Schroth e foram construídos ao mesmo tempo, sendo que o Colégio só foi inaugurado dois anos depois do Templo. Dessa forma, o que fica certo é que, diferentemente do que havia praticado até então, para a construção dessas duas edificações Reno resolveu deixa-las à cargo de um profissional especializado.

O que pudemos resgatar através da imprensa coeva a respeito de Schroth é que foi um engenheiro estrangeiro – pois pediu e obteve nacionalidade brasileira em 1949 – provavelmente alemão, pois era com este país com quem travava relações comerciais, e que trabalhou em Vitória do final da década de 20 até o final da década de 40 através da firma que tinha com seu irmão Walter, intitulada *Carlos Schroth & Irmão*. Entre as obras civis notáveis desta empresa, além das construções batistas, só identificamos a

---

<sup>24</sup> *Diário da Manhã*. Vitória. 13.12.1931. p.1.

<sup>25</sup> *Diário da Manhã*. Vitória. 03.04.1932. p.6.

<sup>26</sup> *Diário da Manhã*. Vitória. 05.10.1932. p.1.

construção em 1933 da Usina do Fundão em Timbuí, sob projeto de Jorge Kingston, 1º engenheiro das obras do Porto de Vitória<sup>27</sup>. Ao longo das duas décadas de atividades, *Schrott & Irmão* foram representantes em Vitória de vários produtos fabricados na Alemanha: telhas tipo *marseilhe* de Krueger & Cia; caminhões da marca Hansa-Lloyd e também da Goliath; faróis Bosch para automóveis – atividades que desenvolviam conjuntamente com a construção civil, pois identificamos também neste período muitas licenças solicitadas de obras não especificadas.

As duas edificações construídas tinham muito em comum sob o ponto de vista formal. Apesar de serem simples, são de um estilo neoclássico que revela erudição e equilíbrio, com um pórtico central coroadado por frontão triangular sustentado por colunata dórica e ladeado por duas alas, com os vãos em verga reta e sem marcações de pilastras e frisos nos planos da fachada. A Escola tem uma volumetria mais horizontal [Fig. 2].



Fig. 2

**Otávio Paes**

*Parque Moscoso - Colégio Americano Batista*. Fotografia, 1940.

Acervo da Biblioteca da Prefeitura Municipal de Vitória.

---

<sup>27</sup> **Diário da Manhã**. Vitória. 15.08.1933. p.1.

Apesar de adotar um partido muito similar, pois o Templo segue o padrão do edifício religioso sem torres, essa edificação se diferencia da Escola por ser mais verticalizada, tendo alas menores devido a estreiteza do terreno [Fig. 3].



Fig. 3  
**Anônimo**  
*1º Templo Batista de Vitória*. Fotografia, 1930.  
Acervo particular.

Não sabemos se Reno influenciou diretamente Schroth na adoção do partido neoclássico no projeto das duas edificações, mas com certeza, devido a sua forte personalidade, não deve ter ficado passivo.

Sabemos que durante o tempo que permaneceu em Vitória Reno foi algumas vezes aos Estados Unidos<sup>28</sup> e que nas suas viagens pode muito bem ter tido contato com Hunt ou mesmo com as publicações de manuais como o de Brabham. Também tinha laços estreitos com a Igreja Batista do

---

<sup>28</sup> Foi ao menos em 1910, 1917 e 1928 (RENO. op. cit. p.112 e 123).

Rio, prédio neoclássico projetado por Hunt, assim como a sua formação educacional, na Edinboro Academy - onde ele e Alice Reno se conheceram - tinha se dado no contexto de um prédio simples, mas de características clássicas como os que construiu.

Tudo isso é significativo decerto na formação do imaginário arquitetônico do líder batista em Vitória, mas não devemos nos esquecer que nos anos em que construiu as suas obras neoclássicas, a sociedade capixaba – que Reno reconhecia como profundamente católica<sup>29</sup> - estava num grande esforço de construção de um prédio neogótico na cidade alta para a Catedral de Vitória.

É muito possível que o espírito fortemente conciliador do pastor o tenha feito optar pelo neoclássico como forma de evitar conflitos com a igreja de Roma. Veja-se dentro desta perspectiva até o fato de que na hora de optar entre os dois modelos de Templo neoclássico propostos por Hunt, ele tenha escolhido o modelo sem torre, sendo esta última um poderoso artefato simbólico do templo, tão poderoso que a época do império, quando o cristianismo era a religião oficial do país, a constituição de 1824 interditava que as edificações para culto de outras confissões tivessem a aparência de templo, não podendo, explicitamente, ter torres.

Quando da inauguração da Escola, a revista *Vida Capixaba* de 1934 publicava uma consagração do pastor, que faleceria no ano seguinte.

Festa de inauguração do novo edifício do Colégio Americano Batista. Vendo-se S. Exa. o sr. cap. Punaro Bley, Interventor neste Estado, fazendo o seu discurso de saudação ao esforço e a benemerência dos que abrem e fundam escolas para a alfabetização do Brasil<sup>30</sup>.

## **Conclusões**

Assim, na Vitória da 1ª República o neoclássico reafirma-se como o estilo representativo do cristianismo reformado que se introduzia no novo espaço

---

<sup>29</sup> RENO. op. cit. p.99.

<sup>30</sup> **Vida Capixaba**. Vitória. 1934. Ed. 376. s/p



laico da cidade, deixando o neogótico, com toda a sua carga simbólica arcaica, para a religião de Roma. Situação *sui generis* mas não de toda em desabono com o que era feito pelos batistas em geral, que como demonstramos, tinham atração pelo estilo por motivos simbólicos e ideológicos.

Loren Reno não apenas escolheu o neoclássico como o estilo das suas edificações para não conflitar com o neogótico católico que ao longo de toda a segunda metade da 1ª Republica era a principal atividade construtiva de Vitória, como evitou também o confronto de uma ocupação com as suas edificações, na cidade alta, reduto histórico do catolicismo.

É importante observar que a reurbanização da cidade a partir das intervenções de Moniz Freire (1892-96) e posteriormente Jerônimo Monteiro (1908-12), são, fundamentalmente, um processo de laicização do território da cidade que demoliu templos católicos (N. Sra. da Conceição da Prainha, Igreja de São Tiago e Igreja da Misericórdia), adaptou outros retirando-lhes os aspectos predominantemente religiosos, e projetou toda uma nova região da cidade que era centrada num grande parque público de 24.000 m<sup>2</sup> (o Parque Moscoso). É nessa parte da cidade não ocupada pela igreja católica e que já nasce laica, que Reno resolveu se estabelecer com Escola e Templo.

Por fim, também é possível constatar que o ecletismo, que desde a década de 30 vinha sofrendo ataques violentos das hostes modernistas, e por isso mesmo em franca decadência, tem uma sobrevida no campo da arquitetura religiosa, sendo que até o início da segunda metade do século XX todas as grandes construções especificamente religiosas foram neogóticas, neoclássicas ou art-decô. Contribuiu para isso a resistência que a própria igreja católica opunha a um templo modernista, veja-se o caso da pequena Igreja de São Francisco de Assis na Pampulha (BH-MG) de Oscar Niemeyer, que construída em 1943, ficou 14 anos interdita ao culto.

## ***Agradecimentos***

Os agradecimentos usuais ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – por vir apoiando as minhas pesquisas de forma continuada desde 2005.